

**EM BUSCA DA COCANHA: O BÁRBARO NA NARRATIVA DE UM IMIGRANTE
ITALIANO EM MACEIÓ**

Geovanne Otavio Ursulino
Mestrando em História pelo PPGH da UFAL.
geovanne.ursulino@ichca.ufal.br

Resumo: O artigo tem a proposta de discutir de quais maneiras a narrativa de um imigrante italiano em Maceió estabelece categorias aos lugares vivenciados por ele. Baseado nas proposições de Lúcia Lippi Oliveira e João Fábio Bertonha de que os italianos desenvolveram uma nova forma de imigração a partir das décadas de 1980 e 1990, procurei investigar como Riccardo Canesi, narrador deste trabalho, empreendeu sua imigração e quais as razões para escolha de Alagoas, estado que historicamente não figura como destino para pessoas vindas da Península Itálica. Para tanto, fiz uso das práticas da História Oral como método para a realização desta investigação, que é parte da dissertação “Giorno e Notte: Vivências de um imigrante italiano em Maceió”, que está em desenvolvimento pelo PPGH/UFAL.

Palavras-chave: História Oral; Imigração italiana; História Contemporânea.

Introdução

A região da Península Itálica registra casos de imigração desde a Baixa Idade Média. O período denominado por Renascença Cultural é exemplo da saída de “italianos” – que ainda não o eram – de sua terra para viver em outros lugares da Europa. Esta característica permaneceu entre os habitantes da região por séculos e se pode dizer que, no século XXI, ainda é possível encontrar italianos que a perpetuam. Este artigo é produto de pesquisa com um destes italianos que saíram de sua nação em busca de novas condições de vida. Mas que destoa do perfil do imigrante italiano que se instalou no imaginário da população brasileira: o imigrante do século XIX e início do século XX que vinha para o Brasil, em especial para lugares mais ao sul do país, por vezes fugindo da miséria, por vezes fugindo de perseguições políticas e que encontrava por aqui a oportunidade de melhorar suas condições materiais de vida.

Riccardo Canesi é um italiano que reside em Alagoas desde o ano de 1992. Atualmente, aos 76 anos de idade, mora no bairro do Pontal da Barra, em Maceió. Nascido na cidade de LEMBRAR, no dia 13 de julho de 1943, é filho, neto e bisneto de marinheiros, mas trabalhou como funcionário do Correio Nacional de seu país até se aposentar, aos 39 anos de idade. Coursou Bacharelado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde se formou no ano de 2017. Canesi pode ser inserido em uma nova maneira de imigração de europeus para o Brasil que se iniciou nas décadas de 1980 e 1990, como observa a socióloga Lúcia Lippi Oliveira (2002) e que também é trabalhada pelo historiador João Fábio Bertonha (2018). A pesquisa tem por finalidade investigar processos migratórios de italianos para o estado de Alagoas e, também, averiguar se a proposta de Oliveira e Bertonha de uma nova maneira de imigração para o Brasil pode ser constatada também neste estado.

Para tanto, lancei mão das práticas da História Oral. No ano de 2016 realizei três encontros de gravações com Canesi, além dos demais encontros decorrentes do trabalho que venho fazendo com ele desde aquele ano. As gravações foram realizadas em sua residência nos dias 25 de julho de 2016, uma segunda-feira; 6 de setembro de 2016, uma terça-feira; e 20 de outubro de 2016, quinta-feira. No ano seguinte, em 2017, submeti um projeto para seleção no Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da UFAL. O projeto, intitulado “Giorno e Notte: Vivências de um imigrante italiano”, foi aprovado, tendo início as atividades acadêmicas no ano de 2018, sob orientação da professora Dr^a. Lídia Baungartem. No entanto, como já observado, vinha sendo realizado desde 2016, ainda sob orientação do professor Dr. Alberto Frederico Lins Caldas Filho. Ainda em 2018 a pesquisa passou a ser financiada por meio de bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Divido o artigo em três partes: 1) “Discussão teórico-metodológica”, onde apresento os caminhos e procedimentos usados na pesquisa; 2) “Texto base”, onde trago um trecho transcrito da narrativa de Canesi, gravado em 25 de julho de 2016, e que se destaca no que diz respeito à identificação das concepções de “civilização x barbárie” e da busca do narrador pelo país da Cocanha; 3) “Leitura”, tópico em que aplico o método hermenêutico da História Oral na busca interpretar o trecho destacado da narrativa de Canesi.

1. Discussão teórico-metodológica

1.1. História Oral

Gerada fora dos muros da academia, a História Oral estava associada a entrevistas de personalidades da época. Sua utilidade para enxergar questões no âmago do imediato do presente logo a levou a ser utilizada de outras variadas formas. Coincidindo o seu surgimento com as lutas por direitos civis das comunidades negras estadunidense, não demorou para ser usada na produção de uma “história vista de baixo”. Desde então, a História Oral vem despertando o interesse da comunidade acadêmica, apesar de ainda ser ignorada por alguns segmentos da academia, vem se mostrando eficaz para o estudo do tempo presente, para a produção de biografias históricas e para dar voz e significado a comunidades, a grupos e a indivíduos que estão à margem da historiografia. Para Marieta de Moraes Ferreira, pesquisadora e autora de obras sobre o tema, as constantes críticas que a História Oral sofreu e sofre por parte de muitos historiadores incentivam os oralistas a produzir uma historiografia que se encontra em permanente estado de reflexão no que diz respeito ao seu modo de funcionamento. Ainda segundo Ferreira, não é difícil de se detectar na História Oral “um potencial de pesquisa extremamente rico” (2002, p. 327) e divide, de modo geral, o uso da História Oral por meio de duas linhas de trabalho.

A primeira destas linhas de trabalho faz uso dos procedimentos da História Oral para preencher vazios deixados pelas fontes de documentação escrita. Esta linha de trabalho foi largamente difundida, em especial, pela Escola dos Annales: a História Oral mantendo uma relação com a História que lembra a da substituta com a prima-dona – ópera na qual se a estrela (o documento escrito) por algum motivo se ausentar, sua substituta (a oralidade) assume o palco, usando a analogia de Gwyn Prins (1992). A segunda linha de pesquisa apontada por Ferreira é a que concebe a História Oral como autônoma, possuidora de suas próprias problemáticas, métodos, discussões e “objetos” – esta linha vejo com maior potencial para o estudo do Tempo Presente. Defendendo a autonomia da História Oral, estes oralistas se debruçam em uma abordagem que “privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre história e memória, buscando realizar uma discussão mais refinada sobre o uso político do passado” (2002, p. 328). Deslocando o “centro das atenções” para um narrador, por exemplo, a História Oral garante a integralidade da narrativa daquele indivíduo, garantindo que as suas experiências de vida sejam narradas com a menor interferência possível. É uma “libertação” da narrativa onde ela possa ser criada com sua própria lógica interna,

sua própria temporalidade, suas próprias perspectivas – a perspectiva daquele que narra sua vida através de suas concepções de mundo e de suas concepções sobre sua própria vida.

Para José Carlos Sebe Bom Meihy, em seu livro "História Oral", escrito juntamente com Fabíola Holanda, a História Oral "é um conjunto de procedimentos" previamente pensado, planejado e articulado em conjunto, partindo da elaboração de um projeto de pesquisa e findando com, se possível, a publicação dos resultados obtidos (2007, p. 15). É possível enquadrar a História Oral proposta por Meihy nesta segunda forma de trabalho apresentada por Ferreira. Meihy e Holanda enumeram quatro principais conceitos sobre História Oral:

1 – História oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato (...) 2 – A formulação de documentos através de registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral. Contudo, esses registros podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória coletivas (...) 3 – História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos.

E, finalmente,

4 – História oral é um procedimento sistêmico de uso de entrevistas gravadas, vertidas do oral para o escrito, com o fim de promover o registro e o uso de entrevistas. (2007, p. 19)

1.2. Procedimentos

Para a realização da pesquisa, fiz uso de algumas práticas da História Oral. As gravações, o primeiro dos procedimentos, foram realizadas com a menor interferência possível: não diz uso de perguntas e respostas, buscando que Canesi pudesse narrar suas memórias livremente a partir de suas próprias referências. Quando as gravações estavam feitas, foi o momento da transcrição: procurei transcrever "tal qual" o narrador falou. O terceiro procedimento foi o da pontuação: aqui corrigi junto com Canesi a transcrição. As poucas alterações foram de ordem exclusivamente ortográficas. Estes procedimentos produziram o que se chama de "texto base" (CALDAS, 2001), que é a narrativa transcrita, pontuada e que será a base para o trabalho interpretativo.

O trabalho interpretativo será chamado de "leitura" (CALDAS, 2013). A leitura consiste na prática hermenêutica de procurar "encontrar" na narrativa as forças históricas, sociais, políticas,

econômicas, as mentalidades que produziram o narrador, suas formas de compreensão da realidade e, por consequência, sua narrativa.

Para que a leitura pudesse ser realizada, fiz uso da categoria de “hipertexto”. O conceito é trabalhado por Alberto Lins Caldas (2013) e surge dos trabalhos de Roland Barthes. Consiste em buscar no texto base o *punctum* (BARTHES, 2015), ou seja, pontos essenciais para a compreensão da narrativa e sinalizá-los aos moldes do livro “S/Z”, também de Barthes (1992). A sinalização é feita com numerais entre colchetes: [1], [2], [3], [4] e assim por diante, chamados de “hiperlinks”. Feita esta sinalização, no tópico dedicado à leitura, estão os numerais entre colchetes indicando a que *punctum* do texto base se refere aquela interpretação.

2. Texto Base

Como galho da mesma árvore[1], eu vou contar agora algumas coisas que lembro das minhas viagens.[2] Sempre gostei muito de viajar, de conhecer culturas diferentes. Sempre fui atraído mais pela natureza do que pela tecnologia. Portanto, nunca fui atraído por uma viagem aos Estados Unidos. Por contra, fui cinco vezes na África do Norte e três vezes no Quênia. Que representava, pra mim, apesar de ser bastante perto da Itália – perto, vamos dizer, em termos de voo de avião – representava, efetivamente, uma diferença em respeito ao meu modo de vida[3]. Porque eu viajei por toda a Itália, viajei e conheço praticamente toda a Europa. Mas, com poucas diferenças, se você tá na Itália ou tá na Espanha, na França ou na Alemanha, respeitando algumas características típicas do país, as coisas são bem parecidas[4]. Agora, quando você vai pra África, estou falando de Tunísia, Argélia, Marrocos, você chega em outro mundo mesmo. Não estou falando tanto do clima... claro, um clima de verão, cheio, com muito calor, tudo mais... mas a maioria das pessoas já não anda de calça e camiseta, usa aquelas vestimentas que a gente vê nos filmes, entendeu? As mulheres com o véu, bichos, camelos... o meio de transporte não é um cavalo, o meio de transporte normal é um camelo.[5] E, na Europa, você não vê camelos e esse tipo de coisa. Cheio de palmeiras, que não são palmeiras de cocos, são palmeiras de tâmaras. Então, efetivamente, é uma cultura diferente, religião, basicamente, mulçumana[6].

3. Leitura

[1]

A referência a uma árvore não é gratuita. A narrativa de Canesi possui a forma de uma árvore. É apresentada a partir de raízes que fincam a narrativa a determinadas características, também há um caule central onde encontro um resumo de sua vida. No caule estão as principais referências que estarão por toda a narrativa e seus “galhos”, para usar o termo escolhido por ele mesmo. É importante perceber que Canesi tem consciência disto, e propositalmente indica o início de mais um galho da narrativa com este alerta – “como galho da mesma árvore”. Com o decorrer de sua fala, tantos e tantos outros galhos são desenvolvidos. Galhos que, como este, narram suas viagens, galhos que narram suas preocupações como pai, galhos que narram sua relação com o trabalho. A “copa” da árvore é a entrega de um segredo de décadas – a confissão de um crime. Mas tudo já se encontra no caule, apresentado desde o início.

São muitas as referências às árvores encontradas em diversos sistemas de simbologia. O mito da “árvore do mundo” está presente em muitas culturas. Onde aparece, a árvore cósmica carrega significados que remetem ao contato do que é terreno com o que é divino, a própria constituição daquele vegetal contribui para estes significados – com suas raízes fincadas ao solo faz parte da terra, por outro lado, sua copa está muito acima da nossa cabeça, “tocando o céu”. Para Mircea Eliade, em muitas culturas “o cosmo é visto como uma árvore gigante” (2002, p. 213). Onde a árvore também é “símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu” (CHAVALIER, 1992, p. 84). Desta feita, posso visualizar a narrativa de Riccardo Canesi com a forma de uma árvore, que representa sua própria vida, mas que também é sua árvore cósmica, apresentando suas vivências, suas perspectivas, suas reflexões sobre o mundo através da árvore que habita o centro da sua narrativa, ou melhor, que é a sua própria narrativa.

[2]

O galho que se inicia a partir deste momento narra algumas lembranças e reflexões sobre viagens que o narrador fez durante a vida. Não por acaso, acredito, que o tema seja o segundo, já que o primeiro narra lembranças de sua infância. Enquanto narrava, Canesi estava com fotografias das viagens, como modo de ilustrar e conferir veracidade às suas palavras. As fotografias são, sobretudo, as testemunhas daquela narrativa, são os rastros (GINZBURG, 2007), as fotografias são os documentos nos quais a veracidade daquela narrativa pode ser conferida. Afinal, Canesi é também historiador. Com estes documentos dispostos sobre a mesa da sala-de-estar, o narrador indica de qual

conteúdo se trata este galho – “Eu vou contar agora algumas coisas que lembro das minhas viagens”. As viagens de Canesi foram muitas, como veremos, por países da Europa, chegando ao leste daquele continente, mas também por países da África, que possuem uma importância especial em suas memórias.

É aqui onde a narrativa entrega ao leitor uma das principais características do seu narrador e que terá influência direta na maneira como ele pensa suas memórias, influência direta na maneira como ele compreenderá sua relação com o mundo – Riccardo Canesi é o que o filósofo alemão Walter Benjamin chama de narrador “marinheiro comerciante”, um dos dois grupos em que o pensador divide o narrador. Refletindo sobre em seu ensaio “O Narrador” (2012), “concretiza” a imagem do narrador em dois grupos que, apesar de distintos, estão em constante diálogo. São eles: 1) “camponês sedentário” e 2) “marinheiro comerciante”, que são seus representantes “arcaicos”. Para Benjamin, cada um dos modos de vida foi responsável pelo surgimento de dois modos respectivos de narrador. A própria vida de Canesi se mistura à imagem do marinheiro.

A família do nosso narrador possui tradição na marinha. Seus bisavós, seus avós, seus tios, seu pai, seus primos – todos foram marinheiros. Ele não foi. Canesi foi proibido pelo pai de ser marinheiro, em um tempo onde era necessária autorização do patriarca. Tornou-se, assim, funcionário do Correio Nacional de seu país. Mas a formação do narrador foi a formação do marinheiro, jamais do camponês sedentário. É assim que Canesi conhece praticamente toda a Europa, visitou países africanos conhecendo suas savanas e animais selvagens, conhecendo seus desertos e calores escaldantes. Sendo assim, a narrativa é a narrativa do marinheiro, é uma narrativa onde múltiplos lugares e experiências tomam conta dela. A indicação do conteúdo deste galho da narrativa é também a indicação do grupo de narradores a quem Canesi pertence – está é uma narrativa que traz consigo “o conhecimento de terras distantes, trazido para casa pelo homem viajado” (BENJAMIN, 2012, **PP**). Essas “coisas que lembro das minhas viagens” não são somente causos e lembranças saudosas, são também, e principalmente, um norte para visualizar o lugar de onde “eu vou contar agora”.

[3]

Esta narrativa em forma de árvore que se apresenta possui, como já observei, um tronco e raízes. Naquele se encontra as principais pistas para quais memórias serão ofertadas e através de quais perspectivas serão narradas. Já nas raízes encontramos a constituição do próprio narrador. É assim

que ele inicia a narrativa apresentando seu nome, atribuindo personalidade, individualidade. Em segundo lugar, aponta o espaço geográfico, histórico, político, social de onde a narrativa parte – “sou italiano de nacita”. E aqui encontramos a manifestação de uma das memórias apontadas no caule, as viagens, e a forma como estas foram vivenciadas e como são narradas por influência de suas raízes.

Para além do uso de palavras em seu idioma materno – Canesi conhece bem a língua portuguesa, mas algumas palavras, como a citada “nacita” e também “vita”, são propositalmente pronunciadas em italiano –, muito do que é ser não apenas italiano mas também europeu está enraizado, como as raízes que sustentam de todas as formas a árvore, na narrativa. Pois ele se apresenta como o marinheiro de Benjamin – “sempre gostei muito de viajar”. Mas também apresenta que parte de um porto no qual ele foi formado – “de conhecer culturas diferentes”. Posso perceber isto melhor quando reflito sobre o trecho – “sempre fui atraído mais pela natureza do que pela tecnologia”. A narrativa abre, assim, duas categorias onde narrador cataloga seus destinos de viagem – 1) “lugar de natureza” e 2) “lugar de tecnologia”. Estendendo para além dos destinos de viagens, posso pensar que é por meio desta categorização que Canesi compreende os demais lugares no mundo. Vejo isto acontecendo na fala onde ele elenca países às duas categorias: 1) lugar de tecnologia – Estados Unidos; 2) lugar de natureza – a região do norte da África e o Quênia (o Brasil?). Penso como esta predileção pelos lugares de natureza em detrimento dos lugares de tecnologia se relaciona com os mitos do país da Cocanha, tão difundidos pela Europa durante séculos. E como a Cocanha pode ter influência na escolha de Maceió como lugar onde viver sua “segunda vida”.

Diversos são os mitos do país da Cocanha. Durante séculos eles se espalharam por toda a Europa e pode ser encontrado em outras partes do mundo, em especial em lugares que foram colonizados por europeus. O Brasil também tem o seu, “São Saruê”, “(...) uma cidade/ como nunca vi igual/ toda coberta de ouro/ e forrada de cristal,/ ali não existe pobre/ é tudo rico, afinal”. Como na versão brasileira, as versões do país da Cocanha no “Velho Mundo”, que já podem ser encontradas ainda no século XIII, possuem características como riquezas inesgotáveis e que costumam ser ostentadas, muito ócio para ser desfrutado e muitas vezes a inexistência do trabalho, cenários paradisíacos habitados por pessoas cordiais e receptivas aos viajantes ao ponto de partilhar sua comida, sua riqueza, sua cultura, suas mulheres, sua casa com o hóspede.

Hilário Franco Júnior identificou, apenas entre os séculos XVI e XVII, 33 (trinta e três) versões da Cocanha no que viria a ser a Itália. Para Franco Júnior, o grande número de versões deste

mito e sua grande popularidade por séculos se dá por serem utopias: são o avesso da realidade social em que surgem. Há também versões que possuem forte apelo moralista, produzidas por pessoas vinculadas à Igreja e à moral cristã. Nelas, os principais atributos desta utopia são postos com valor negativo, não raro são postos como pecado – gula, preguiça, fornicação e assim por diante. Mas as versões que realmente circulavam eram as com valor positivo. Para compreender melhor, basta observar que o país da Cocanha é o estado permanente do que se alcança de forma passageira, por apenas cinco dias, durante o Carnaval (FRANCO JÚNIOR, 1998, p. 12).

O narrador possuía, portanto, Cocanhas espacialmente próximas à sua realidade e que bastava algumas horas de voo para pousar em algum lugar de natureza completamente avesso ao seu lugar de origem. Nestes, como em qualquer Cocanha que valha a pena, Canesi desfruta das primazias de cada lugar – tanto em função de sua condição de homem europeu, como em função do maior valor de sua moeda. Mas principalmente busca por lugares fora do eixo turístico. Como já observei, as viagens à África estão em posição de destaque na narrativa. É imperioso pensar que o sonho da Cocanha esteja nas raízes das razões para a escolha do Brasil como destino para sua migração – o Brasil ainda possui a imagem do “lugar de natureza” entre os europeus –, ainda mais para Maceió – num primeiro momento praticamente às margens do mar de Cruz das Almas e, num segundo momento, às margens de uma das maiores e mais belas lagoas do estado. Alagoas, ao seu modo, também representa “efetivamente, uma diferença em respeito ao meu modo de vida”. Alagoas também é Cocanha, com riquezas – chegando ao estado, no ano de 1992, sua aposentadoria do Correio Nacional da Itália equivalia a 10 (dez) salários mínimos local, somados aos 10 (dez) salários mínimos referentes à aposentadoria de sua mãe que também veio ao Brasil viver com Riccardo –, com belezas naturais, com mulher, com filho – sua esposa e filho são brasileiros – dentre tantos outros predicados da utopia da Cocanha.

[4]

O referencial do narrador é seu lugar de origem, onde viveu sua vida até então, onde foi formado e onde vivenciou suas experiências. Desta forma, vê o seu lugar como um lugar comum, como o é na normalidade do seu cotidiano. É o etnocentrismo que está na sua formação enquanto indivíduo. Apesar do valor negativo que o termo carrega,

a atitude mais antiga, e que se baseia indiscutivelmente em fundamentos psicológicos sólidos (já que tende a reaparecer em cada um de nós quando nos situamos numa situação inesperada), consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais, estéticas, que são as mais afastadas daquelas com as quais nos identificamos (LÉVI-SATRAUSS, 1976, p. 333).

Historicamente, o etnocentrismo foi responsável, e ainda é, por diversas atrocidades, desde a invasão e colonização europeia pelo mundo, às guerras na Mesopotâmia. O etnocentrismo é uma das primeiras reações ao contato com o “outro”, o que acaba por também reafirmar o lugar do “eu”. É através desta manifestação do etnocentrismo, no caso deste narrador o eurocentrismo, que identifico ainda naquele olhar do marinheiro comerciante, mas que aponta para seu porto de partida.

Neste momento a narrativa confere nomes ao seu lugar de origem, onde suas raízes estão fincadas – “eu viajei por toda a Itália, viajei e conheço praticamente toda a Europa”. Portanto, este é o lugar do narrador. Que, como fica entendido quando ele opõe a África aos Estados Unidos, é um lugar de tecnologia e não o de natureza. E o seu lugar, de um modo geral, é muito semelhante aos seus países vizinhos. Por isto a narrativa não é somente a do italiano, mas a de um europeu, não é apenas a Itália que se opõe à África, é toda a Europa e tudo o que ela representa que se opõe àquela África e tudo o que ela representa. Pois o lugar do “eu” possui uma unanimidade – “com poucas diferenças, se você tá na Itália ou até na Espanha, na França ou na Alemanha, respeitando algumas características típicas do país, as coisas são bem parecidas”.

O narrador conheceu quase todo o país em que nasceu, conheceu quase todo o continente em que nasceu e afirmar que as diferenças, tantas vezes tão grandes, entre países do seu continente são mínimas demonstra que estou diante, sobretudo, da narrativa do encontro de civilizações. A Europa não possui uma unidade, da mesma forma que a África também não possui. Mas postas em oposição aparecem como duas unidades distintas entre si. Mesmo com as indicações no decorrer da narrativa de que ele, o narrador, não procura fazer juízo de valor e hierarquizar as distintas civilizações, o que acredito que seja verdade para ele, é sempre bom ressaltar que Canesi é um historiador – as categorias por ele definidas poderiam também serem chamadas “lugar de barbárie”, ao invés de “lugar de natureza, e “lugar de civilização”, ao invés de “lugar de tecnologia” sem perder seu sentido original. É preciso, entretanto, refletir sobre as terminologias.

Nesta narrativa, o que une a Europa e o que a faz ser “bem parecida” entre seus países é a imagem da civilização. Por qual razão mais Espanha e Alemanha, Eslováquia e Portugal se

assemelham ao ponto de se tornarem uma unidade senão por habitarem o lugar da civilização? Suas cidades, “respeitando algumas características típicas do país”, são muito semelhantes, são europeias, sua população, da mesma forma. Por outro lado, do outro lado do Mar Mediterrâneo está o lugar da natureza, que é o lugar da “barbárie”. E é assim que a narrativa se volta ao lugar que a produz como forma de demarcar através de qual perspectiva ela fala – a perspectiva da civilização, do lugar comum do europeu que, enquanto produtor do Ocidente, acaba por ser o lugar comum de todo ele.

[5]

O retorno à África é o retorno de mais uma comparação, pois a narrativa acabou de posicionar seu lugar na Europa: “quando você vai pra África, estou falando de Tunísia, Argélia, Marrocos, você chega em outro mundo mesmo”. Este outro mundo aguça os sonhos e os desejos dos viajantes. Uma característica épica do marinheiro, que é a concretização desta forma de narrador, e que é personagem marcante na família de Canesi, sendo ele impedido de o ser, ainda assim carrega consigo tal característica. A mesma ânsia se manifesta na narrativa de Charles Marlow, personagem de Joseph Conrad em “Juventude”, sobre sua primeira viagem ao Oriente. O jovem marinheiro nutre uma vontade ardente por conhecer o Oriente e, nesta sua viagem como marinheiro mercante para lá, enfrenta toda uma sorte de adversidades para ter sucesso.

O Oriente para Marlow pode ser o equivalente à África para Canesi. São seus lugares de natureza, seus países da Cocanha. A narrativa de Marlow inicia, da mesma maneira que a de Canesi, de qual porto parte: “só poderia mesmo ter acontecido na Inglaterra, onde o mar e homem se confundem” (CONRAD, 1986, p. 5). Ou seja, enquanto a narrativa de Canesi é a do italiano, a de Marlow é a do inglês. Ambos, europeus. Posso identificar em ambos a ânsia pelo “bárbaro”, pelo “selvagem”. Mas é necessário atentar para as observações de Claude Lévi-Strauss, importante antropólogo francês, no que diz respeito à etimologia da palavra “bárbaro”:

É provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à inarticulação do canto dos pássaros, opostas ao valor significante da linguagem humana; e selvagem, que quer dizer “da selva”, evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana (...) preferimos lançar fora da cultura, na natureza, tudo o que não se encontra à norma sob a qual se vive (LÉVI-SATRAUSS, 1976, p. 333).

É o lugar de natureza, o bárbaro, o selvagem que chamam a atenção do jovem Canesi e do jovem Marlow. Jogando à natureza tudo o que escapa ao seu lugar de origem. Opondo à civilização de onde vieram. Não apenas em relação ao clima, como ele mesmo afirma, mas em relação à vestimenta, em relação às mulheres, em relação aos meios de transporte – camelos. É, de todo modo, o selvagem. Talvez não tão feliz quanto o de Jean-Jacques Rousseau, mas ainda assim, para a narrativa, o homem – seria realmente um? – em seu estado selvagem, em seu estado de natureza. Os países enumerados por Canesi, o são como uma maneira de demonstrar que não é “apenas na África” – o que me faz pensar que haja lugares mais ocidentalizados e que lembrem, ainda que de longe, a realidade europeia naquele continente – mas ele está falando daqueles lugares em que o estado de natureza é latente, onde a categoria do “lugar de natureza” é manifesta em sua melhor concretização – “estou falando de Tunísia, Argélia, Marrocos”.

Os três países citados por Canesi são conhecidos como “Pequeno Magrebe”, ou ainda “Magrebe Central”. Há o “Grande Magrebe”, que inclui também a Mauritânia e a Líbia. A palavra “Magrebe” significa, traduzida do árabe, “poente” ou “ocidente”, região que se localiza no noroeste do continente africano. Mas o que torna o Magrebe Central um lugar de natureza que precisa ser destacado dentro da realidade africana é precisamente por serem países mulçumanos. Há séculos que a figura do mulçumano e do mundo islâmico é o “outro” mais ilustre do Ocidente. Ainda na Idade Média os mulçumanos representavam uma das duas maiores ameaças de ataques à Europa juntamente com os húngaros, como assinala Marc Bloch em “A Sociedade Feudal” (1987). Na contemporaneidade, a Europa e o mundo árabe são apresentando em oposição um ao outro.

No Magrebe Central, apesar de tão próximo, as coisas são muito diferentes em relação ao porto de onde zarpa a narrativa e onde estão suas raízes. O povo “usa aquelas vestimentas que a gente vê nos filmes”, as mulheres usam véu e há bichos pelas ruas e, mais, esses bichos são o meio de transporte mais comum, os camelos. É um sentimento desejado de estranheza. Charles Marlow, por sua vez, enfrentou tempestades, enfrentou o incêndio que consumiu seu navio, o *Judea*, enfrentou dias em um pequeno bote no mar aberto para realizar seu desejo de juventude. O velho Marlow narra desta forma seu encontro com seu lugar de natureza: “aquele era o Oriente dos antigos navegadores, velho misterioso, resplandecente e sombrio, vivo e inalterado, cheio de perigos e promessas” (CONRAD, 1986, p. 66). Tanto Canesi quanto Marlow são, das suas respectivas formas, marinheiros que buscaram lugares opostos ao seu. Se assemelham tanto neste sentido que posso pensar o quanto

de Oriente há no Magrebe de Canesi. A estranheza de outro lugar, para o narrador formado no coração do Ocidente.

[6]

Neste momento a narrativa retorna à Europa para fazer uma comparação final. Colocando as diferenças lado-a-lado – “na Europa você não vê camelos e esses tipos de coisa”. Onde lá é “cheio de palmeiras”, mas não são as encontradas em seu ponto de partida, não são as suas palmeiras de coco. São, entretanto, “palmeiras de tâmaras”. Este retorno de comparações paralelas, que finaliza o preâmbulo deste “galho-viagens”, coloca os dois lugares um do lado do outro para que sejam vistos de forma panorâmica. Pude, assim, encontrar elementos que evidenciam as perspectivas assumidas pelo narrador e que aparecem por todos os ramos desta sua “árvore da vida”. A comparação direta visa, aqui, condensar todas as idas e vindas feitas durante estes trechos da narrativa selecionados, sem nunca escapar das suas raízes que estão fincadas a um solo que representa o lugar ocupado pelo narrador na sociedade, no mundo da sua sociedade, nas crenças da sua sociedade.

As tamareiras destacadas por Canesi são, no Antigo Egito, modelos que dão as formas das colunas que representam os fundamentos da terra, a árvore da vida. Remetendo à árvore que é a própria forma da narrativa, a árvore da vida de Canesi, sua “árvore do cosmo”. Esta palmeira é cultivada há milênios e se acredita que sua origem tenha sido os oásis dos desertos que se encontram na região do norte da África. As palmeiras que povoam o cenário do lugar de natureza narrado são outras palmeiras, são palmeiras estranhas, palmeiras de tâmaras que estão em oposição às palmeiras de coco, que povoam o lugar que produziu a narrativa. O camelo se encontra, por sua vez, na lista de animais imundos do Levíticos 11, assim como é imundo todo aquele que nele tocar, esteja o animal vivo ou morto. O camelo é um animal que habita o cenário da África. Segundo a narrativa é o meio de transporte mais comum por aquelas bandas. E, apesar de a narrativa opor o camelo ao cavalo, o mais adequado seria pensar no camelo em oposição aos automóveis, o carro particular em especial. Na Europa da juventude de Canesi, que é o espaço no tempo da narrativa no qual foram experimentadas estas vivências, as décadas de 1960, 1970 e 1980, o meio de transporte mais usado não era mais o cavalo. De onde surge mais uma vez a oposição entre o lugar de tecnologia (carros, trens, ônibus, metrô, motocicletas) e o lugar natural (camelos). Pois, “na Europa, você não vê camelos”.

Mas as duas principais diferenças são colocadas somente no fim – “efetivamente, é uma cultura diferente, religião, basicamente, mulçumana”. Apesar de todas as diferenças, por exemplo, de ordem climática, diferenças que dizem respeito à fauna e à flora, que são tantas, as duas diferenças que “efetivamente” demonstram o estado de natureza daqueles lugares foram de ordem humana – cultura e religião. Fora do seu lar, do seu porto de partida, há o “outro”, o “selvagem”, o “bárbaro” que vive ao avesso da sua vida, que fala idiomas que não o seu, que anda de camelo por paisagens cravadas por tamareiras enquanto você anda de carro por rodovias bem pavimentadas, há o “outro” que não gosta do seu deus, que não adora o seu deus, que adora um deus estranho – Allah. A narrativa opõe mais uma vez o lugar de tecnologia, que adora o deus que ela reconhece, ao lugar de natureza – o “selvagem” adora até um deus estranho, um deus que não é reconhecido nem em o nem pelo lugar onde estão estabelecidas as suas raízes.

3.1. Pós-escrito

Realizada a leitura destas fontes selecionadas, estes 6 (seis) hipertextos, alguns elementos que constituem a narrativa como um todo foram destacados. Busquei demonstrar por meio destas leituras as possibilidades de abertura de um texto, melhor dizendo, de um hipertexto oferecidas pelo uso da História Oral. Desta forma, realizei uma leitura que, assim como o narrador que narra a partir de um porto, está diretamente relacionada com meu próprio porto, mas interessada em fazer fluir as vivências do narrador na direção de uma pluralidade de significados.

Algumas das categorias criadas pela narrativa foram observadas nestes 6 (seis) hipertextos lidos. A sua própria forma saltou ao identificar, no preâmbulo às memórias de viagens, que ali se trata de “um galho da mesma árvore”. A narrativa assumindo a forma de uma árvore possibilita que o leitor distribua a narrativa e seus elementos entre as partes constituintes daquele vegetal. Nesta leitura pude distribuir a narrativa e seus elementos em 3 (três) partes: 1) raízes, 2) caule e 3) galhos. Alocando seus elementos da seguinte forma: 1) Raízes – família de marinheiros, homem, italiano, europeu, narrador “marinheiro mercante”; 2) Caule – resumo da vida, onde se encontram estes trechos; 3) Galhos – momentos na narrativa em que são abordadas memórias e reflexões específicas, este é um galho.

Nas raízes, como vimos, encontram-se elementos que condicionam a narrativa, assim como condicionam as vivências referenciadas pelo narrador por meio de suas memórias. Apesar de o

desenvolvimento da categoria de individualidade estar a plenos pulmões desde o Renascimento, para Agnes Heller o que constitui o “eu” são os instintos e necessidades socialmente formados que são assumidos por estes (1885). É assim que posso ver na narrativa, por toda parte, o “eu” marinho, o “eu” homem, o “eu” italiano. Tais categorias assumidas pelo narrador são apresentadas por ele de várias formas, algumas mais diretas, outras nem tanto. Mas estão lá, no caule e nos galhos de sua árvore. Pois “o homem torna-se indivíduo na medida em que produz uma síntese em seu Eu, em que transforma conscientemente os objetivos e aspirações sociais em objetivos e aspirações particulares de si mesmo e em que, desse modo, ‘socializa’ sua particularidade” (HELLER, 1985, p. 80).

No caule se encontra o “resumo” do que será a narrativa. O narrador reflete sobre seus, na época, 73 (setenta e três) anos de idade, sobre ser italiano, sobre heroísmo, sobre paternidade, sobre trabalho, sobre uma série coisas que apontam para quais memórias serão trazidas e como serão ofertadas. No caule encontro a referência sobre viagens quando o narrador aponta mais uma de suas raízes, “imigrante” – “As pessoas, normalmente, nascem, vivem e morrem dentro de um país. A não ser que possam fazer uma viagem, como eu fiz pelo mundo inteiro, mas depois voltam ao casulo original, não é?”. Aqui, Canesi está atestando a plenitude de uma vida, a sua. E suas viagens é parte fundamental desta plenitude, sendo ele mesmo o narrador marinho, estando esta perspectiva nas raízes da sua narrativa.

Nos galhos, por fim, estão as ramificações (“ramo” é o termo usado na morfologia da árvore) da narrativa. Os caminhos que ela percorre evocando memórias que “reproduzam” de alguma forma sua individualidade, que ilustrem e testifiquem as vivências renunciadas no caule, vivências de um outro modo de vida, pois como o narrador atesta “eu tive uma vida plena”. Deste modo, Canesi narra nos galhos de sua narrativa uma série de vivências. Dentre elas, identifico aqui o galho no qual estão inseridas estas fontes aqui trabalhadas como “galho-viagens”. Nele estão contidas narrativas sobre visitas a países da Europa e narrativas de viagens à África, recebendo destaque. Mas também há o “galho-infância”, há o “galho-trabalho”, há o “galho-crime” entre outros.

A narrativa cria para si linguagens que o oralista na condição de hermenêuta precisa estar atento (CALDAS, 2013). Com Canesi não haveria de ser diferente. Sua narrativa cria categorias e coloca o mundo nelas de acordo com o que está fundamentando em suas raízes. Pude encontrar categorias como as de “duas vitas”, que diz respeito à sua condição de imigrante, também “primeira vita” e “segunda vita” onde estão dispostas as narrativas vivenciadas em sua vida na Itália e sua vida

no Brasil, respectivamente. Este galho, o “galho-viagens”, se encontra na primeira vida. É deste modo que a narrativa oferta ao seu leitor seus espaços, suas temporalidades, suas redes de produção de significados. Destaco duas das categorias mais discutidas durante a leitura e que foram encontradas nas fontes lidas neste artigo, como forma de exemplificar – “lugar de tecnologia” e “lugar de natureza”. Estas categorias distribuem os lugares do mundo entre elas e estabelece quais são os lugares de “civilização” e os lugares de “barbárie”.

Esta classificação contribui bastante quando é preciso pensar na escolha do Brasil como país para morar. Enquanto em sua primeira vida, na Itália, visitou diversos países do mundo, em sua “segunda vida” as viagens se encerraram e Canesi levou 25 (vinte e cinco) anos para regressar à Europa. Como já observado, Alagoas é o país da Cocanha para este narrador, Alagoas é o lugar de natureza que ele escolheu para viver sua “segunda vida”. As “duas vidas” de Riccardo Canesi são o que inspiram o título da pesquisa, “Gorno e Notte”, usando as definições do filósofo e epistemólogo Gaston Bachelard (1988), e são um dos principais propósitos desta pesquisa – identificar, por meio de sua narrativa, as razões históricas, sociais, econômicas e pessoais que permearam sua vida na Itália e como tiveram influências para a sua mudança para Maceió. Sua primeira vida, o dia, que Bachelard afirma ser regido pelo “*ánimus*”, responsável pela vida do trabalho, pela vida da razão, pelos afazeres cotidianos foi vivida na Europa, com breves intervalos com viagens aos lugares de natureza. No entanto, sua “segunda vida” ocorre justamente em um destes lugares. Esta sua segunda vida habita a noite de Bachelard e está sob a “*ánima*”, responsável pela arte, pela criação, pelo devaneio.

Posso pensar, assim, que durante todos os procedimentos da pesquisa nos quais estive envolvido até então eu mesmo fiz e faço parte do que é ser “selvagem”, dentro das perspectivas das categorias criadas pela narrativa, que me identifica como o “outro”, me inserindo nas suas maneiras de compreender o real. A narrativa não possui “fora” nem “dentro”, possui redes de significados que procuram “devorar” o mundo em seu entorno e tudo aquilo que lhe aprouver. Esta narrativa é a árvore cósmica, é o *axis mundi*, o centro e pilar da cosmologia do narrador e identificar meu lugar nesta árvore me proporciona pensar, enquanto historiador, sobre meu lugar social (CERTEAU, 1982) e como que na condição de oralista atribuo significados à narrativa: “‘Quem fala’ e ‘quem ouve’ se determinam mutuamente. A relação, então, é de interdependência: quem fala, ao produzir, também está atribuindo sentido; quem ouve, ao atribuir, também produz sentido” (ORLANDI, 1996, p. 89).

É por isto que encontrar Charles Marlow na narrativa de Canesi não é o mesmo que ter Charles Marlow na narrativa. Encontrar a personagem principal e narrador da novela “Juventude” é dinamizar, criar fluxos, tornar a narrativa viva: “A interpretação deve seguir a tendência de deslocamento multidimensional. Que se dá em todos os ‘elementos’ possíveis e impossíveis do texto” (CALDAS, 2001, p. 157). É importante identificar quais espaços, quais temporalidades, quais significados a narrativa atribui ao real, porque ela não é o real, não é uma referência a ele, não é uma partícula dele – a narrativa é por si só referência de si. Quando é estabelecida a categoria de lugar de natureza, por exemplo, o Magrebe Central, o Brasil ou Alagoas não são lugares de natureza – tornam-se lugares de natureza através dos significados atribuídos a eles pela narrativa.

4. Referências bibliográficas

- Alberti, Verena. Ferreira, Marieta de Moraes. Fernandes, Tania Maria (orgs.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- Ariès, Philippe. **A História das Mentalidades**. In: Le Goff, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 154-179.
- Bachelard, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- Barthes, Roland. **S/Z**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- _____. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 2012.
- Bertonha, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- Bianini, Thais Curi. **A Memória: Medida ontológica do cosmos**. São Paulo: Palas Athena, 1989.
- Bloch, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Caldas, Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História: Para Ler a História Oral**. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **Experiência e Narrativa: Uma Introdução à História Oral**. Maceió: Edufal, 2013.
- _____. **Espaço e Oralidade**. Curitiba: Editora Prisma, 2015.
- Certeau, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- Chevalier, Jean. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- Conrad, Joseph. **Juventude**. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- Ciriot, Juar-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- Eliade, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Febvre, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editora Presença, 1985.
- Ferreira, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. *Topoi*, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 5, 2002, p. 314-332.
- Foucault, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- Franco Júnior, Hilário. **Cocanha: Várias faces de uma utopia**. Cotia: Ateliê Editorial, 1998.
- _____. **Cocanha: A história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Ginzburg, Carlo. **O Fio e os Rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Heller, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- Le Goff, Jacques; Nora, Pierre (org.). **História: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 3 vol., 1976.
- _____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- Lévi-Strauss, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

Mandrou, Robert. **A História das Mentalidades**. In: Higonet, C. História e Historicidade. Lisboa: Gradiva Publicações, 1988, pp. 67-76.

Meihy, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola: São Paulo, 1996.

_____; Holanda, Fabíola. **História Oral - Como Fazer Como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

Oliveira, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **Nós e Eles: Relações culturais entre brasileiros e imigrantes**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

Orlandi, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

Priore, Mari Del. **Biografia: Quando o indivíduo encontra a história**. Topoi, Rio de Janeiro, Ano 10, nº 19, 2009, p. 7-16.